



PERSPECTIVAS 2013 PARA PLAYERS DE CELULOSE E PAPEL

De acordo com o estudo *2012 Global forest, paper and packaging sector outlook*, realizado pela Deloitte Touche Tohmatsu, o desempenho da indústria de celulose e papel nos últimos 12 meses refletiu as condições macroeconômicas vistas em 2011. Em termos globais, tal contexto pode ser resumido com o crescimento do mercado chinês a um ritmo menos acelerado do que se esperava, o enxugamento das capacidades produtivas de papel na Europa e o modesto crescimento em alguns segmentos nos Estados Unidos.

A Deloitte atende 14 dos 20 principais players da indústria de celulose e papel ao redor do mundo. Com representantes em grandes polos industriais – incluindo Brasil, África do Sul e Nova Zelândia, entre outros países –, a empresa tem uma estrutura formada por líderes especialistas que trocam informações e compartilham estudos periodicamente, a fim de somar experiências e conhecimentos a seus clientes.

Convidados pela *O Papel* para analisar os resultados do estudo realizado neste ano e traçar perspectivas para 2013, John Dixon, líder global da Deloitte para o setor, e Paulo Vitale, responsável pela área no Brasil, fazem suas considerações na entrevista a seguir.

“O problema atual dos players brasileiros de celulose está na excessiva dependência da demanda chinesa, que deve levar dois anos para realmente crescer na velocidade esperada”, alerta Dixon

O Papel – De forma geral, qual é o balanço do desempenho da indústria global de celulose e papel no cenário econômico apresentado em 2012?

John Dixon – A situação econômica mundial deste ano não é tão sombria como a vista em 2008, quando as empresas não estavam preparadas para a desaceleração do mercado. Apesar disso, foram notados momentos de incerteza durante os últimos meses, o que levou a certos ajustes dos players do setor. Na Europa, em especial, a crise não tem apenas impacto financeiro, mas também se reflete na demanda doméstica, que sofreu declínio em 2012. Em resposta a esse cenário, as companhias europeias têm adotado um posicionamento agressivo para reduzir custos e seguido estratégias para manter a liquidez. Outro aspecto relevante: o excesso de capacidade produtiva continua sendo uma preocupação para os produtores europeus. Diante desses desafios, há uma tendência de consolidação para os próximos anos. A aquisição da Myllykoski pela UPM foi apenas a primeira a ocorrer. Nos demais mercados, como América do Sul e China, também se preveem movimentos de consolidação.

O Papel – Com foco nesses dois mercados, como tem sido a relação comercial entre o Brasil e a China? O país asiático continuou se destacando como um dos principais destinos de exportação de celulose em 2012?

Dixon – Sim, a China desponta entre os principais mercados da commodity exportada pelo Brasil. Algumas oscilações da demanda chinesa durante este ano, contudo, causaram certa dificuldade aos produtores brasileiros, pois nem sempre é possível delimitar a produção ideal para uma demanda flutuante. Esse aspecto causa um certo alarde para os próximos anos, considerando-se que o Brasil terá uma significativa expansão de capacidade. Sem dúvida, a questão que surge entre esses players é a seguinte: haverá demanda suficiente para a produção excedente?

O Papel – De fato haverá demanda mundial para absorver esse acréscimo de produção ou existem riscos de sobreoferta?

Dixon – O problema atual está na excessiva dependência da de-

manda chinesa, que, por sua vez, deve levar em média dois anos para realmente crescer na velocidade esperada – tanto que, anteriormente, as projeções de crescimento para a China giravam em torno de 15%, mas atualmente o mercado chinês cresce a 7%. Os fornecedores esperam que o país atinja o patamar de crescimento de 15%, para, assim, demandar mais matéria-prima. Vejo, sim, risco de sobreoferta, mas ao mesmo tempo acredito que se trata de algo passageiro. Em cinco anos, creio que haverá demanda para todas essas novas plantas previstas. É importante frisar que a programação dos start ups é fundamental neste contexto.

O Papel – Como o senhor posiciona o Brasil no mercado mundial de celulose? Avaliando o desempenho deste ano, houve melhorias na competitividade, levando o País a consolidar-se cada vez mais como um expoente na produção da commodity?

Dixon – O Brasil está bem posicionado entre os maiores fabricantes mundiais de celulose em termos de competitividade, porque desfruta de um custo de produção menor se comparado aos demais atores desse mercado. Entre os fatores que propiciam a atual competitividade estão os parques fabris novos, com grandes capacidades e tecnologias de ponta. Outra vantagem de custo consiste na base florestal do Brasil. Em 2012, todos esses fatores foram bem aproveitados pelos players do setor, e o Brasil tende a tornar-se o líder do segmento nos próximos anos, com o start up das novas plantas anunciadas.

O Papel – Dando enfoque ao mercado global de papel, como foi o desempenho da indústria nos últimos 12 meses?

Dixon – Na América do Norte e na Europa, a demanda de segmentos importantes, como o de imprimir e escrever, está caindo. Além do contexto econômico adverso, a explicação para isso está na expansão do uso de tecnologias que competem com o papel, como tablets. Há 20 anos, já se especulava que o incremento da tecnologia afetaria significativamente ou chegaria até mesmo a interromper o uso de papéis de imprimir e escrever. Isso não aconteceu tão logo, mas hoje em dia

Vitale: “Se por um lado existem desafios a serem superados pelos players brasileiros de papel, por outro eles têm a seu favor a produtividade das florestas e equipamentos eficientes”

DIVULGAÇÃO DELOITTE



começa a dar indícios de impacto nesses mercados. A demanda vem caindo e não há tendência de recuperação em médio e longo prazos, pois não se trata apenas de uma recessão, mas também de substituição do papel por meios eletrônicos. A situação em países emergentes, como China, Índia e países da América Latina, porém, é completamente distinta: a demanda está crescendo. Trata-se de mercados que apresentam boas perspectivas de crescimento e, portanto, são excelentes opções para investimento em capacidade produtiva.

O Papel – O atual cenário, portanto, significa um aspecto positivo aos players brasileiros de papel?

Paulo Vitale – Sim. Falando especificamente do Brasil, vemos hoje uma capacidade bastante favorável de o mercado absorver a produção nacional de papel. Em decorrência dessa capacidade, a perspectiva é muito positiva. Obviamente não podemos deixar de lembrar os gargalos ainda existentes, como a falta de infraestrutura adequada e a carga tributária desfavorável. Se por um lado existem esses desafios, por outro os players nacionais têm equipamentos mais novos do que a média dos parques mundiais e, principalmente, a produtividade das florestas a seu favor. São diferen-

ciais competitivos que proporcionam uma situação bem favorável aos players de papel.

O Papel – A concorrência externa de alguns segmentos de papel, como o de imprimir e escrever, no entanto, cresce na mesma medida. Isso pode representar uma ameaça à indústria brasileira de papel?

Vitale – Primeiramente, é preciso avaliar o posicionamento dos players brasileiros. Os parques fabris nacionais são efetivos e estão localizados próximos às florestas, fatores bastante favoráveis à competitividade. Acontece, porém, que a maioria do papel produzido no País é voltada ao mercado interno. Não há movimentações para aumentar a capacidade produtiva de papel, justamente por todo o enfoque dos últimos anos estar nas plantas de celulose. Pensando sob a perspectiva de que existe um potencial muito grande a ser explorado, os players estrangeiros podem ganhar espaço aqui, ou seja, a falta de planejamento de novos investimentos para atender à demanda crescente, pode, sim, acarretar no crescimento das importações de alguns segmentos de papel.

O Papel – Quais motivos levam a uma maior dedicação ao segmento de celulose, tendo-se em vista que o mercado interno apresenta um momento positivo aos investimentos em papel?

Vitale – Discutimos bastante essa questão com os principais players de papel do Brasil, e o que eles apontam são alguns gargalos que ainda colocam esses investimentos em um ambiente de risco, a exemplo da atual carga tributária brasileira, a deficiência de infraestrutura e a necessidade de desenvolvimento de mão de obra especializada. Esse conjunto de entraves se torna ainda mais desvantajoso aos players de menor porte, que normalmente não têm parques de celulose e papel integrados e ficam sujeitos aos preços de mercado da matéria-prima.

Dixon – Quando falamos da indústria brasileira de celulose e papel, logo relacionamos à forte atuação na produção e exportação de celulose. O potencial da economia brasileira, porém, também deve ser destacado, pois existe um grande mercado doméstico com excelentes expectativas de crescimento, ao qual as empresas devem atentar. ■